

Poética e filosofia da resistência em duas obras de Antônio Wagner Rocha

AURORA CARDOSO DE QUADROS*

MÔNICA NOGUEIRA CAMARGO**

Resumo: A proposta deste artigo é analisar as obras *Crepúsculo de arame* e *Os dias partidos*, do poeta e filósofo Antônio Wagner Rocha. A investigação dos componentes essenciais de forma e conteúdo dos versos revela o lirismo e a crítica à ditadura militar brasileira (1964-1985). Na primeira obra, a memória desse tempo revela um ser que se angustia pelos ecos da repressão do passado; na segunda obra, o tempo é presente e os versos expressam a perplexidade diante da atual conduta do governo Bolsonaro, que anuncia uma perigosa reedição do totalitarismo daqueles tempos. Quanto ao estilo, observa-se que o modo de dizer, ao mesmo tempo poético e consciente do mundo, constrói uma resistência que se une ao outro, seu irmão, e distingue-se da costumeira natureza panfletária. Quanto às relações implícitas, observam-se conhecimentos filosóficos e elos mentais com teorias, como o existencialismo de Heidegger, que subjazem às questões refletidas nos versos.

Palavras-chave: Crepúsculo de arame; Os dias partidos; Estética e Filosofia; Estética e Política.

Poetics and philosophy of resistance in two works by Antônio Wagner Rocha

Abstract: The purpose of this article is to analyze the works *Crepúsculo de arame* and *Os dias partidos*, by the poet and philosopher Antônio Wagner Rocha. The investigation of the essential components of the form and content of the verses reveals the lyricism and criticism of the Brazilian military dictatorship (1964-1985). In the first book, the memory of that time reveals a being that is distressed by the echoes of the repression of the past; in the second, time is present and the verses express perplexity at the current conduct of the Bolsonaro government, which announces a dangerous reissue of totalitarianism of those times. As for the style, it is observed that the way of saying, at the same time poetic and conscious of the world, builds a resistance that joins the other, his brother, and is distinguished from the usual pamphlet nature. As for the implicit relationships, philosophical knowledge and mental links with theories are observed, such as Heidegger's hermeneutics, which underlie the issues reflected in the poems.

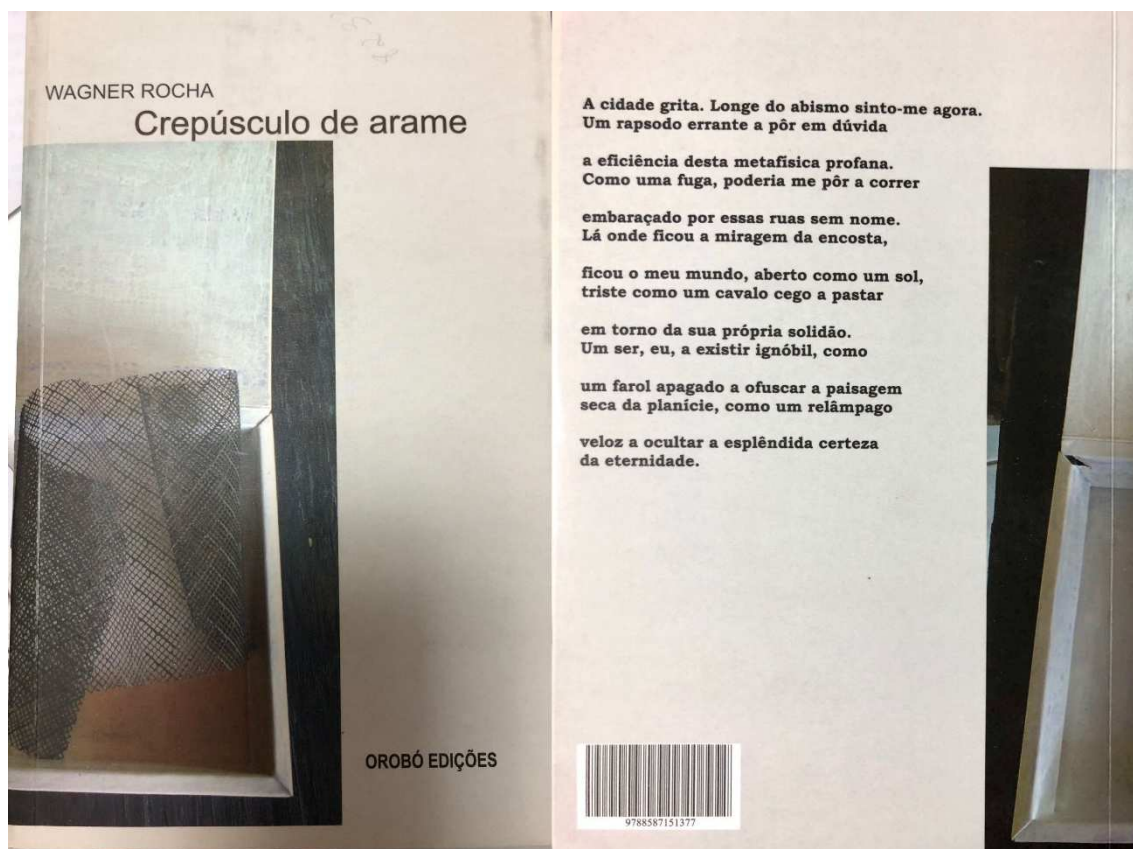
Key words: *Crepúsculo de arame*; *Os dias partidos*; Aesthetics and Philosophy; Aesthetics and Politics.



* **AURORA CARDOSO DE QUADROS** é professora do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros; Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada com tema sobre o jornal comunista *O Homem do Povo*.



** **MÔNICA NOGUEIRA CAMARGO** é Mestre em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes); e especialista em EAD pela mesma instituição. Atualmente é professora do Curso de Graduação em EAD da Universidade Estadual de Montes Claros, e professora no Curso de Especialização lato sensu em EAD, do Instituto Federal do Norte de Minas.



Introdução

Publicado em 2014, *Crepúsculo de Arame*, de Wagner Rocha, imprime o espírito de um ser poético inserido nos problemas de uma sociedade em que ainda retumbam os ecos de uma história política repressiva, o período do regime militar no Brasil (1964-1985). Outra obra do autor, *Os Dias partidos*, editado em 2019 e lançado em 2020, retoma a reflexão sobre a democracia hoje e a referida ditadura militar, trazendo à tona seus espectros decorrentes, nas últimas décadas, desde o final da década de 1980 até o momento atual de produção da segunda obra, no contexto político do governo Bolsonaro. As metáforas simbolizam o concreto, em contraposição ao discurso que tolhe praticamente todas as conquistas concernentes à liberdade do homem, como o direito de se expressar e a inclusão de minorias. Quanto ao

abstrato, são os sentimentos e emoções resultantes da sua trajetória, que se movimentam entre consciência política, filosofia de vida e sensibilidade humana.

A linguagem é construída num movimento pendular que equilibra a tensão a respeito do perigo da realidade complexa e peculiar contra a democracia brasileira. O resultado potencial é de ponderação de forma e conteúdo em ambas as obras. Por um lado, o assunto político, áspero, duro, lancinante, inevitavelmente pesa, provocando uma perturbação na atmosfera da leitura; por outro lado, o *pathos* que o artefato sugere é certo delineamento de uma aura ética e sensível do sujeito poético. No poema “Contestação”, os versos explicitam essa ambivalência:

A vida se esvai
neste país de uma paz derradeira.

Ao céu indagamos
por nossas aldeias queimadas.

É tempo de armas na mão e na alma.

Tempo de escuras palavras,
de assassinatos nas ruas, nos morros e
[nos campos.

Nas praças estão bradando
os homens revoltados.
Resistiremos a Bolsonaro
E a seus cegos soldados!
(ROCHA, 2019, p. 32)

Ao manifestar a resistência ao atual governo brasileiro, o poema erige um panorama das decorrências dos discursos do presidente Bolsonaro, desde a campanha presidencial, como a ideia do armamento dos civis, o discurso da violência contra minorias como, por exemplo, relacionadas a orientações sexuais, índios e sua repulsa em relação aos mesmos. Isso gerou no país uma indignação e revolta por parte de muitos brasileiros, uma vez que a intolerância provoca um recrudescimento da discriminação que compreende afetos sociais acentuados como vingança, fobia e ódio, o que define o “tempo de armas na mão e na alma.” (ROCHA, 2019, p. 32).

O que se explicita no poema relaciona-se às consequências explicadas por Josiana Matias e Josenir Barros, que ligam o governo atual ao “aniquilamento dos direitos sociais na vertente das políticas públicas, ou seja, haverá perdas políticas e sociais historicamente conquistadas sem precedentes” (MATIAS; BARROS, 2019, p. 353). O discurso do governo propicia a legitimidade àqueles que acreditam na coibição ou na extirpação, enfim, na ação rígida e extrema dos

considerados desvios morais ou patologias sociais, como as orientações sexuais minoritárias, as questões raciais etc. Contudo, esse poema é o único poema que explicita o nome do presidente, sendo que os demais tratam de fatos, ideias e sentimentos. A maioria da obra realiza muito mais uma construção intuitiva e um modo de dizer metafórico, revelando o estilo simbólico do poeta e definindo a primazia do espírito poético sobre o conceitual. E, ainda neste poema, observa-se que, por exemplo, o ataque à vida não faz com que ela seja arrancada, como um rolo compressor, torturada, como numa decapitação pela guilhotina, que talvez fosse uma metáfora que bem representasse as atrocidades da ditadura. “A vida se esvai”. O grito, a intempérie, a violência também são, de modo talvez não intencional, mas profundamente enraizados, atenuados pela indagação ao céu. Na palavra não há um concreto esbravejar e, do mesmo modo, não parece estar entredentes. Os assassinatos e as armas além da resistência explícita ao presidente da república são os contrários pathêmicos que, de fato, imprimem a face dura da poética. E, embora este poema específico represente uma resistência “armada” ao sistema, numa evidente expressão de morticínio, a sua palavra da obscuridade tende a construir uma poética nos termos apresentados por Alexander Nassau, ao analisar outra obra intitulada *Lápis lapso*, também do poeta:

Poeta que se olha enquanto escreve, ele não está livre dos resíduos de um estilhaçamento do real, como a ditadura que devasta as democracias da modernidade. Mas se trata de um realismo poético diverso da agressividade panfletária (quase sempre inevitável em período de pressão); (NASSAU, 2019, p. 98)

Observa-se que, de fato, ao construir essa obra de resistência, a atmosfera sombria é formada não só pela ausência de luz das palavras “escuras”, não iluminadas, mas pela carga semântica que elas carregam em seus possíveis referentes concretos e abstratos. E a voz hibridamente política e poética nasce das metáforas criadoras dessa atmosfera sombria, sendo sugestivas, inclusive, de modo subliminar, dos porões recônditos das torturas, da preferência pelos momentos noturnos convenientes ao obscurantismo das ações, sempre dissimuladas em falsas alegações. Assim, o que se ressalta de modo predominante no espírito dos poemas é a organicidade de clima e atitude que eles sugerem. E, partindo do enfrentamento verbal e concomitantemente do ferimento psíquico e agônico do eu, o trajeto, embora não linear, acaba conduzindo a uma confluência de sentidos pares que congregam a criação da atmosfera em torno da dor existencial. Esses fatores favorecem a expressão de aflição e o percurso de tentativa de inteligência sobre a vida e o homem cujas elaborações de Martin Heidegger, segundo Bernadette Siqueira Abrão, em *História da filosofia* (1999), tem como ponto fundamental “o sentido do ser.” (ABRÃO, 1999, p. 452). E é a busca desse sentido que define o percurso espiritual das duas obras do poeta. As ideias sobre o homem e suas questões referentes ao âmage do ser ou à sociedade em que ele vive podem encontrar afinidades com a seguinte ideia:

Se o ser homem se define pela inserção da existência num horizonte temporal histórico, se a morte, como significado concreto da finitude, é o parâmetro-limite para a criação e a recriação do projeto humano, se essa situação considerada na sua singularidade gera a angústia de um existir devorado pelo tempo, então esses dados, imediatamente presentes numa análise da existência finita consciente de si, devem ser os pontos-chave de uma filosofia que pretende apreender a singularidade humana na sua plena efetividade. (ABRÃO, 1999, p. 444).

Se o eixo dessa busca do sentido do ser no percurso filosófico da poética se delineia pelas questões espirituais, o resultado é de que os sentidos aprofundem-se como sugestões metafísicas, para além da concretude nominal de pessoas ou de objetos palpáveis, do mundo natural, passando a tratar mais do plano espiritual, a exceção de alguns poemas que se referem, por exemplo, ao Frei Tito, ao Paul Celan e ao poema anteriormente referido, a Jair Bolsonaro. Essas associações cujas estruturas podem estar dispersas no plano da expressão brotam do desvelamento no plano discursivo e, ainda que possibilitadas mais pela intuição poética do que pela lógica da filosofia, as questões hermenêuticas entram no lirismo de forma naturalmente integrada pela sua própria natureza imaterial e também pela sua congruência homogênea com a problemática representada pela poética.

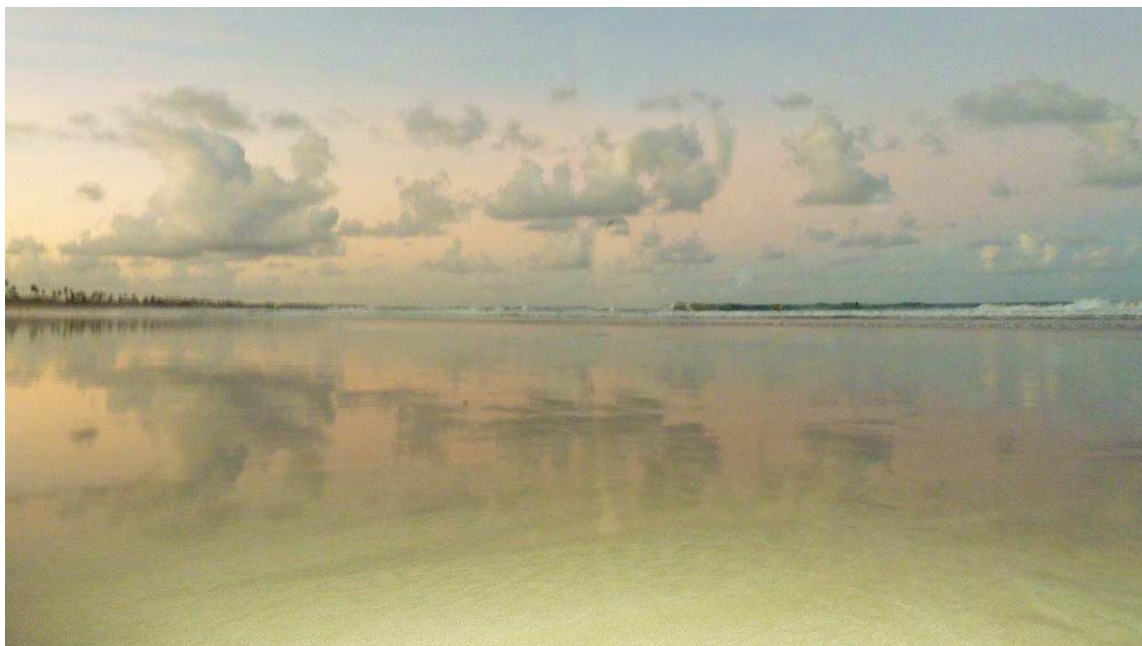


Foto: Marco Antônio Souto Menezes / Edição: Lúfza Cardoso de Quadros

Crepúsculo de arame

Na primeira das duas obras, *Crepúsculo de arame*, evidencia-se a repercussão do período de repressão, no plano da superfície e no plano profundo, no íntimo do eu poético, entendendo esse “eu” como o ser que subjaz aos versos. Sua ressonância manifesta-se nas sensações de ser e ao, mesmo tempo, no ausentar-se desse ser social pelo estranhamento e pelas ponderações do existir. Revelando as contradições que o contexto construiu, é o contrassenso desse espaço externo que centraliza, contorna e dá o tom geral da poética. Nota-se que o ponderador, o ponto de equilíbrio, é o modo de ver e de se posicionar perante ele. Isso ocorre em ambas as obras. Nesta obra, *Crepúsculo de arame*, o contrassenso está impregnado nos ares espectrais do passado e no então resultado concreto advindo dele décadas depois. Nesse sentido, a obra distingue-se da outra criação mais recente, *Os dias partidos*, que manifesta a hesitação do amanhã tenebroso e os sinais do presente, na sua

frente, a apontar para um problema de mesma natureza do ocorrido na repressão militar. Vista à luz da fenomenologia presente no pensamento de Martin Heidegger (2013), a poesia insere questões envoltas numa problemática que oscila como balsa que ora se questiona devido ao entorno, ora se reafirma devido ao fazer poético, ainda que este esteja envolvido emocionalmente no conflito de valores que haviam sido desestabilizados pelo advento do referido período. A organização artística tende a representar a vida presente em meio ao caos, o que reflete no espírito de quem a olha e a exprime, pelos versos, com tristeza. Porém, ao vislumbrar uma mudança, alivia a tensão e projeta a paz esperada, num plano mnemônico, lembrando, conforme explica Bernadete Abrão sobre o pensamento de Heidegger, que “[o] modo de ser do homem é o poder-ser, isto é, fazer da vida sempre um projeto. O fato de estar no mundo como possibilidade de ser gera a angústia, que pode ser entendida como sentir-se no mundo em estado de carência ou de

temor indeterminado.” (ABRÃO, 1999, p. 455).

Gerado pelas contradições existenciais levantadas nos versos, um embate revela o espírito do homem que sente a dor psíquica de si e a dor histórica dos tempos idos e que projeta um futuro melhor. A lembrança obscura e suas vozes retumbam incessantemente na alma que exprime o âmbito íntimo e o social. Sobre isso, o longo poema “Crepúsculo de arame”, que intitula a obra de 2014, alia o problema à perspectiva da mudança:

Sigo este caminho, confuso, guiado
por um deus escandinavo, perdido

como se me ausentassem os pés e
os dias mais longos que vi cravados

em meu tormento. Pudera o grito
atravessar os tímpanos da dúvida

e esta areia fina que se esparrama
sobre as margens do mar.

[...]

o grito que atravessa, alto, a espessura
de um deserto. E vem como a invadir

o espaço solitário de uma aldeia muda.
E vem, intrépido como um vulcão

em chamas, a chamar os teus horrores
de vida. Pavoroso, o barco traz suas

mágoas, o dia a sucumbir as fronteiras
do medo. Decerto as águas acalmarão
(ROCHA, 2014, p. 60, 64)

Ao exprimir o tédio, a palavra faz um movimento duplo no qual a paisagem exterior acaba sendo um constituinte interior, uma vez que age equacionando os ecos que ela reverbera no eu. A ambígua cisão/imersão entre si e o mundo político faz da existência a agonia em uma vida que se impulsiona pelo desejo de uma renovação

vislumbrada em esqualido tom, urdida pela voz da espiritualidade leve, mas que se deprime pela desesperança.

Desse modo o conjunto da obra torna-se exemplar da indissociável relação entre sujeito e objeto, arte e sociedade, representando aspectos contextuais, que Antonio Candido (2000) considera inerente à obra ficcional. Em “A flor e a floresta” Wagner (2014, p. 58) exprime a contemplação noturna da vida de sede e silêncio. Em “Canção para Paul Celan” (ROCHA, 2014, p. 57), o eu irmana-se com o outro poeta, ferido da vida, judeu sobrevivente do nazismo e cuja poética também retrata uma voz de dor do mundo. A linguagem sombria torna-se especular em ambos, e o ideal desses dois poetas congrega o problema social que repercute na alma e na mente. A obra de Wagner Rocha lembra também em grande medida a essência e a forma da poesia de cunho social de Drummond. Interessante que parece haver também, além do ideal socialista, uma unidade harmônica entre o modo de dizer e os traços que dão impressões do modo de ser entre o itabirano e o corjesuense. E o modo de dizer refletindo o modo de ser de Carlos Drummond revela-se em poemas presentes, sobretudo em *Sentimento do mundo* e em *A rosa do povo* (DRUMMOND, 2002). Carlos Drummond também cria um eu que se irmana e “dá as mãos” ao outro, manifestando-se como sujeito participante que, em tempos de “homens partidos”, é preciso mudar a poesia. Os termos da metáfora “homens partidos” ou “dias partidos” sugerem a densidade polifônica de “partidos”. Este adjetivo indica vários referentes implícitos de qualificativos como “ferido”, “excluído”, “separado” e o substantivo “bancadas” (partidos políticos), por exemplo. A literatura torna-se, pois, a expressão de vários

possíveis indivíduos e vários sentidos implícitos. O componente social concatena a voz do ser poético ao elemento externo, seu semelhante. Nessa dinâmica, o interior expande-se filosoficamente para o exterior, num modo subjetivo de ver o mundo. Tal dialética é defendida por Antonio Candido, concebendo a literatura como “fatos eminentemente associativos; obras e atitudes que exprimem certas relações dos homens entre si, e que, tomadas em seu conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos íntimos.” (CANDIDO, 2000, p. 127).

No poema “Acontecimento” (ROCHA, 2014, p. 56), os versos constroem a simbologia contrastante da gaivota que, em meio à poeira e aos martelos de operários, junta-se a esses sem, contudo, provocar nenhuma mudança naquela cena. A dinâmica cíclica revela a realidade de um mundo que se alastra e um microcosmo em cujo vazio se ouve apenas o som agudo dos martelos. O poema lembra a ideia heideggeriana, segundo a qual “[s]omente existe História quando existe acontecimento: essa noção somente pode ser compreendida como mobilidade das várias formas de acontecer. Existir é o mesmo que temporalizar-se.” (ABRÃO, 1999, p. 457).

Em “Pós-história”, os versos localizam um momento da estranha sensação após a realização de um sonho. Ainda que alcançado o desejo alusivo a um pretérito esboçado, nada faz sentido para o indivíduo, ainda febril do passado ditatorial, centrado num lugar onde o sol está dividido entre muralhas e o eu encontra-se perdido em hesitação e vazio:

O que antes sonhei tornou-se
Uma estranha aurora
Nada restou da palavra que eu dizia
dentro de um
claro abismo.
Nada restou de mim senão a febre
Que contagiou a paisagem
(ROCHA, 2014, p. 55)

Evidencia-se o vestígio do passado impregnado no presente que o eu consciente somatiza num processo em que “a temporalidade humana não é uma soma de momentos, mas uma extensão compreensiva do passado, do presente e do futuro.” (ABRÃO, 1999, p. 457). Com essa união de planos temporais, as arestas que entrecruzam as épocas no mesmo espaço geográfico, também entrecruzam espaços psíquicos e históricos no mesmo eu. Comungando com essa ideia, a explicação de Anelito de Oliveira, em análise intitulada “Depois da queda”, confirma a visão de que os versos de Wagner Rocha refletem a repercussão histórica, psíquica e política do fenômeno ocorrido na segunda metade dos anos 80. Desse modo, contextualiza o impulso de Wagner, lembrando que “[t]ornou-se, pouco a pouco, imperativo, especialmente nos três últimos anos da década, perceber o lastro político das desigualdades sócio-econômicas,” (OLIVEIRA, 2014, p. 65).

Aquele tempo explicitamente repressivo e sobrevoado por nuvens carregadas, dos “corvos do nunca mais” dos versos de Eduardo Alves da Costa (2003), que povoavam as noites dos poetas dementes com a agudeza dos atentos, ouvidos, dos agudos, inexoráveis “olhos de açoite” (p. 88) é a matéria de uma releitura subjetiva do mundo, no poema que dá nome à obra, “Crepúsculo de Arame”. Numa tentativa de entender a representação do “crepúsculo” inicia-se inevitavelmente com a ideia de ofuscação da luz.

Impossível não perscrutar a voz da experiência do filósofo Antônio Wagner Rocha, leitor de Heidegger e do seu pensamento a respeito da “retomada do ser num tempo de indigência humana, tempo de esquecimento da verdade originária.” (ROCHA, 2018, p. 1). A verdade sendo apagada como o dia transmuta-se em noite, ao mesmo tempo em que a vida transcorre e a juventude passa. A lucidez também se apaga pelo obscurecimento da verdade. Todos esses sentidos podem estar na densidade da metáfora dura, de arame. Nesses termos, no espaço da mente que se inquieta com a diluição da verdade, após a escuridão, a penumbra crepuscular bem representa o tempo sombrio posteriormente vivido pelo eu, pois a aurora, embora presente nos versos do poeta, configura uma hipótese, uma luz perdida, mas sonhada pelos “poetas dementes que sonham de olhos abertos”, categoria em que se enquadra o eu lírico de Alves da Costa (2003, p. 89). O regime militar, que nunca poderia antes ser retratado, décadas depois, acrescido do benefício do distanciamento para melhor observação, ainda fomenta criações como *Crepúsculo de arame*, incrementadas tanto pelo forte insumo filosófico, como pela potente e passional representatividade emocional no pensamento do país.

O homem passa pela existência numa condição de viver por viver, quase sem remédio: “Ponho-me a atravessar um mundo / que não é meu, um rio e eu a bordo,” (ROCHA, 2014, p. 60). E termina com a sugestão dual e simbólica da presença de um anjo simulacro, evocando algumas impressões em que as acepções possíveis de simulacro, como as de Jean Baudrillard (1997); e a interdependência entre a obra e aquele que a cria (HEIDEGGER, 2002) parece subjazer ao discurso do eu poético. A

sintaxe da estrutura verbal do simulacro tem função de apostrofo do anjo, mas pode se ligar ao próximo nome, tornando-se, por meio do cavalgamento do verso, simulacro de Deus:

Onde tudo me assusta, sinto as tuas
Pegadas, ó anjo atormentado, simulacro

de Deus a me amparar no fastio desta
madrugada. Sim, ao que tudo indica,

eu existo, e a minha existência pressupõe
esta agônica esperança, estes olhos

perdidos a mirar a paisagem lânguida
da vida. Pressupõe sofrer e andar só

e morrer e se embrenhar pelos bosques
mais ermos.

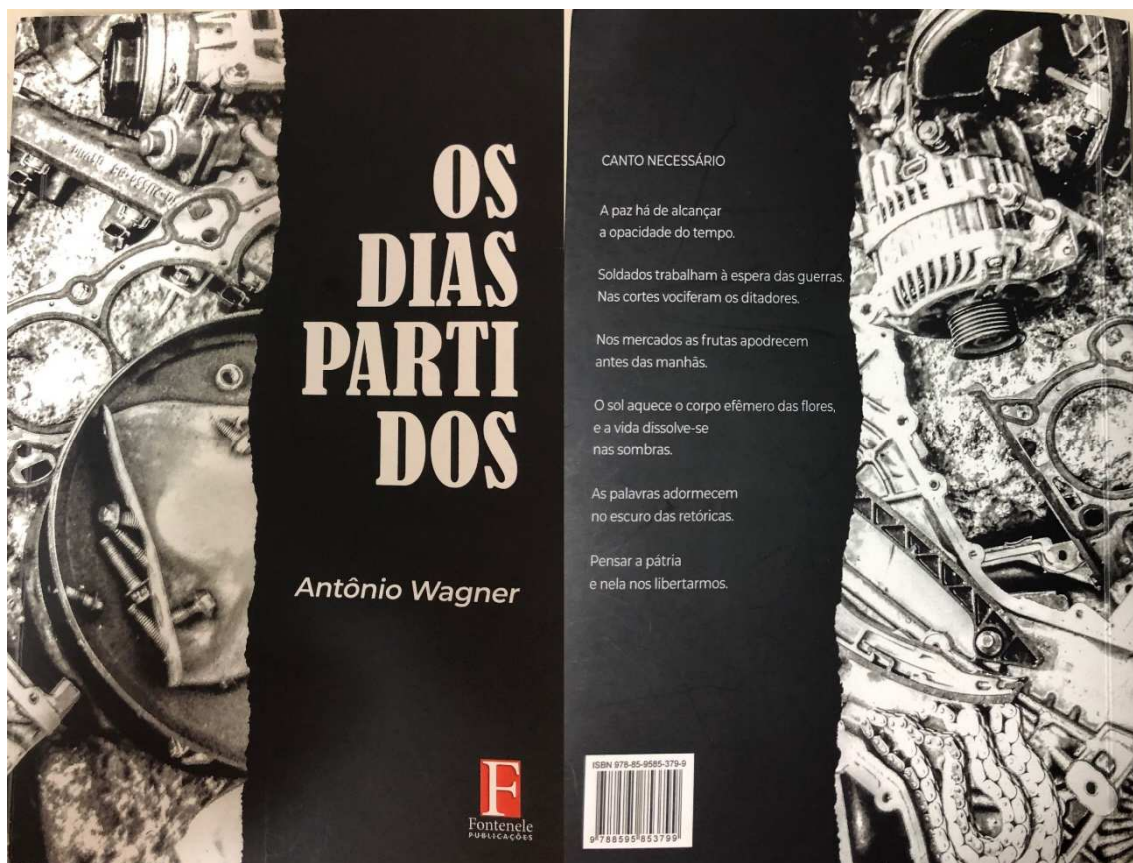
(ROCHA, 2014, p. 65).

Torna-se perceptível certo toque de brandura na abertura do coração magoado do sujeito da criação poética e da provável alusão ao referido existencialismo heideggeriano. No âmbito do jogo da poesia com a existência, do agônico traço da esperança, o eu perdido constata-se pelo eu poeta, a partir do “resguardo”, uma vez que “[a]ssim como não pode haver uma obra sem ser criada (necessitando essencialmente daqueles que criam), também o criado, ele mesmo, não pode se tornar algo que é sem aqueles que resguardam”. (HEIDEGGER, 2002, p. 75). Assim, a densa simbologia da figura do anjo, misto de Deus/amparo e poesia, traz à vida o ente, ser de poesia, que faz versos, portanto existe. A poesia neste ponto é o que cria o elemento de equilíbrio, mesmo que o eu (talvez por isso) esteja perdido. Aquele que seria invisível aos olhos do regime, que lhe tolheria o direito de ser, concretiza-se, ou em outras palavras, realiza-se no poder expressar-se poeticamente. Seria o anjo dos versos de Antônio Wagner

uma retomada do deus nórdico, quem sabe da poesia, da escritura?

A profundidade metafísica, relacionada à representação de Deus, atribuída à divindade corporificada no simulacro, que no final do poema se apresenta, avizinha-se de uma elaboração de Fernando Pessoa (2015) e possibilita uma associação ilustrativa como forma de buscar um aspecto possível para a compreensão do pensamento metafísico: “Talvez se descubra que aquilo a que chamamos Deus, e que tão patentemente está em outro plano que não a lógica e a realidade espacial e temporal, é um nosso modo de existência, uma sensação de nós em outra dimensão do ser.” (PESSOA, 2015, p. 109). E completa a sua intelecção, na sequência da mesma página: “O próprio Eu, o de cada um de nós, é talvez uma dimensão divina.”. Isso se liga aos sentidos do anjo simbiótico, efígie e mimese aristotélica (1999) e confluem em prol do atormentado e solitário poeta, sem, contudo, atuar contribuindo com o alento da catarse, também presente na explanação aristotélica (ARISTÓTELES, 1999, p. 43). Em outras palavras, a *mimese*, ou seja, a representação da realidade pela arte da palavra, que é cunhada por Aristóteles em sua *Poética* (1999), em Antônio Wagner, tem como matéria o trágico momento que, no plano psíquico, retumba na mente do sujeito poético. Nesse poema específico, essa fala, embora expresse uma “agônica esperança” existencial, não vislumbra uma luz que venha clarear a vida e superar o caos, nem mesmo pela poesia, simbolizada no anjo. Desatinado, a

persona poética, com denominação em português de “eu poético”, aquele que emite a fala, que diz, e a voz que subjaz aos versos, representa a circunstancial tragédia do viver. O que se evidencia é que os versos terminam sem anunciar, como em outras ocorrências nos poemas, uma predição de novos tempos, da renovação que seria um ideal desprendimento utópico da tensão ou do conflito. Tal prenúncio alcançar-se-ia, por meio do trágico momento presente, em que as emoções se condensam e depois se libertam pelo efeito catártico, uma vez que a situação trágica, “despertando a piedade e o temor, tem por efeito a catarse dessas emoções” (ARISTÓTELES, 1999, p. 43). Sem prever essa recuperação da harmonia, o poema então constrói a imagem do crepúsculo sem, contudo, apontar para um novo amanhecer, um novo tempo de paz, liberdade e harmonia. Porém, embora, ao possibilitar essa representação crepuscular, o anjo torne-se benfazejo pelo papel que o poeta exerce em seu trabalho, e uma vez que a criação poética parece ser o instrumento de enfretamento da angústia, numa configuração da existência e da arte heideggeriana, a questão não se resolve. O transcurso da voz finda nos versos finais com um apontamento cíclico, em que a existência é representada pelos “olhos perdidos a mirar a paisagem lânguida/ da vida. Pressupõe sofrer e andar só/ e morrer e se embrenhar pelos bosques/ mais ermos.” (ROCHA, 2014, p. 65). Elimina, com isso, a possibilidade da catarse, do alento e da distensão do conflito.



Os dias partidos

A poética de Wagner Rocha, em *Os dias partidos* (2019), obra lançada no início de 2020, instala uma atmosfera tão sombria quanto aquela da obra anterior, de 2014, numa profundidade que envolve ingredientes também nebulosos, mas sublimados pela natureza e modo como a poesia exprime os problemas. De modo central, a poesia inquieta-se com o momento atual, aliando-se à indignação provocada pelo contundente discurso de intolerância do presidente da república e pelos ecos da ditadura militar no Brasil, que é evocada. No equilíbrio orgânico da obra, já no início a dedicatória inclui “as vítimas históricas das várias formas de opressão política.” (ROCHA, 2019, p. 3); e o poema final lembra aquele que morre “nas mãos violentas do capitalismo e da fome” (ROCHA, 2019,

p. 72). O ser que atua por meio da palavra e pensa as questões remanescentes do regime repressor lança seu olhar que vê a nova ameaça. As metáforas, sugestivas dos estados de espírito em tempos de totalitarismo, geram um efeito de negatividade do eu que, na tristeza da confirmação do caos, introverte em espírito para tentar demonstrar, por fortes metáforas, sentimentos, ideias e sensações inefáveis, o estado da sociedade em que vive e a conjuntura do regime que a governa.

Em “Desatino”, a divisão entre o incerto e o escuro parece localizar o eu entre dois tempos nebulosos:

Guardo nos olhos
a paisagem rasa do dia,
o incerto caminho
das coisas.
[...]
Nada levo nas mãos
A não ser este destino ferido.

Nada sei dos rumos do mundo,
mas estou entre o escuro
e um coração que oscila.
(ROCHA, 2019, p. 48).

O espaço entre dois momentos, a ditadura militar no Brasil, assinalada pela ferocidade com a qual foram tratados os opositores do regime, e o mau agouro do futuro próximo diante das tendências totalitárias do momento presente, apontam para o dilaceramento de todas as crenças e para a reinstalação insana da insegurança das experiências pregressas. Os fatos sugeridos fomentam a associação entre história e filosofia, guardadas as proporções quanto à intensidade e à gravidade, com a acepção da morte em Heidegger que, explicada por Bernadette Abrão seria uma “característica singular ao nosso modo de existir: o homem não apenas é um ente que está-aí, lançado no mundo, mas sobretudo está no mundo para a morte (ABRÃO, 1999, p. 455-6). A voz exprime a impotência de nada portar, além da palavra poética, como instrumento de tentativa de interferência no estigma que vive, pois o “ente é um modo de ser e, portanto, o ser o determina.” (ABRÃO, 1999, p. 453). Entre literatura e mundo, em que os aspectos políticos insurgem como matéria da arte, a dor de existir vira poesia.

Assim, o efeito geral é de que os elementos que constroem o cenário interior do sujeito determinam o modo como ele vê o mundo adverso a si e ao outro, e que esses convergem para um fenômeno antitético: buscar trazer à luz

os fatos que ferem e atenuar a luz dos fatos, representando a penumbra da vida presente e futura. A estrutura orgânica se evidencia desde a construção da história do sujeito e as pistas de experiências que teria tido, como no poema “Frei Tito” (ROCHA, 2019, p. 71) em que os versos expressam a falta de novos freis titos, personagem que combateu corajosamente o fascismo do governo Médici. A representação do enfrentamento pelo frei é exemplar para uma identificação do eu. O poema, revelando o desajustado entorno da sociedade atormentada em que se vive, faz ressurgir os tempos idos. Ao espelhar o presente no passado, produz o efeito de aproximação e distanciamento: aproxima o mundo e torna distantes os homens em individualismo e inércia involuntários. E assim também ocorre com os outros poemas que, entre figuras e temas, perfazem o trajeto de resistência numa sintaxe não linear, mas que trança os fios de *Os dias partidos*. E a sociedade que apodrece na confusão de modelos morais e éticos, onde a vida torna-se incompreensível, resulta num espaço de sonhadores de uma espera que mais apaga do que acende o amanhã, como em “Canto necessário” (ROCHA, 2019, p. 70) em que o mundo se deteriora e os ambientes que configuram o espaço das contradições abrem-se aos fatos cruciais, envoltos em atmosferas sombrias. As imagens como “a vida dissolve-se nas sombras”, “as palavras adormecem no escuro das retóricas” (ROCHA, 2019, p. 70) pontilham o clima nebuloso em que os sinais de vida, flores, frutas se perdem diluídos pelo mal em sua natureza putrefata. A disposição da denúncia liga o homem ao mundo e a literatura passa a expressar mimeticamente a vida morta.

Diante do papel político da fala que se choca com o meio, pela diferença como

vê as contradições de um “mundo obstruído”, os versos do poema “Da existência” tratam da perpetuação das sombras do morticínio da repressão:

Juntar teus ossos
que soçobram no chão melancólico
de um descampado
e reter tua pungente sombra
que transcende a vida.
(ROCHA, 2019, p. 55)

A figura sugestiva do espectro parece reforçar o caráter enigmático do terror e da morbidez que circundam os fatos. Os ossos revelam a desintegração e a passagem da matéria, mas as sombras permanecem. Impossível não rever, na voz política da denúncia, os cemitérios de ossos da ditadura. Os horrores dos fatos cruciais, sempre noturnos, complementam a natureza estilística do estado penumbroso, e tornam mais forte o componente mórbido abordado nos versos. Contudo, não são expressos, mas aludidos poeticamente. Interessante esse fator natural com que se concebe a força das metáforas da morbidez em que o implícito torna-se infinitamente maior como um *iceberg* que se revela apenas na ponta. O verbo não se rasga e, por isso, não se limita. As palavras parecem ser as ideais para expandir, quando caladas, a aridez e a ferocidade dos fatos. Os ossos, como conta a história, longe de constituírem metáfora hiperbólica de um surrealismo subjetivo, são palpáveis peças que falam mais do que os papéis documentais. Porém, como usados, torna-se o dispositivo de apontamento ao infinito da intuição poética. A ausência de luz, pelo menos da luz que evidenciaria os detalhes, auxilia nesse efeito. Fred Botting, em sua obra *Gottic: The new critic idiom* (2013), explica que a ausência de luz caracteriza o estilo gótico e cria sua atmosfera. A simbologia dos ossos, mesmo que não

diretamente explicitada, afina-se com a densa psicologia do momento, e em um segundo plano da obra, é uma abstração mnemônica ante o concreto passado, ao ponto de quase se poder sentir o odor do sangue ou ouvir o eco dos gritos das torturas. Ao projetar a abjeção dessa história, cuja vileza do regime acarretou-lhe a revolta individual, o eu instala a atmosfera em que os fios se entrelaçam no plano psíquico. Esse ser que registra a agonia histórica também implanta pela poesia uma voz que não se rasga e vitupérios, mas se entristece com o terrível contexto.

Observa-se a seleção vocabular da opressão e do seu retorno com a situação política atual. Esse ingrediente fortalece o conjunto orgânico da estética do poeta, uma vez que acresce o elemento da sugestão, da expectativa, conferindo em decorrência da sua organização verbal a empatia, que, por um modo de dizer sem levantar o tom nem baixar o nível moral, torna-se elo emocional e dispositivo de adesão à força de alerta do perigo.

De um modo, em parte, especular com o exterior, o vocabulário harmoniza em uma das suas faces com a poética da repressão da história do país, uma vez que as descobertas que desvelam os horrores sucessivos parecem surgir mais aterrorizantes a cada dia. O tormento do eu espelha a natureza, que o reflete no plano morfológico (os termos que criam as imagens “crepúsculo”, “tormento”, “ossos”, “agonia”, “grito”, “vazio” etc.) e no semântico (os significados que giram em torno da temática da agonia interior que se volta e reflete a natureza). A essência poética, desse modo, associa a história à natureza exterior, sendo que a paisagem na “poesia” é transformada de maneira a refletir o mundo interior do ser. Nesse sentido, a literatura imita tanto a vida

quanto a natureza, transformada pela visão do eu sobre a vida. Mas ainda aqui se observam elementos interiores que ponderam pelo olhar o mundo exterior, como a “transcendência da vida” que atenua o sentido mórbido, pela suavidade da expressão. A “melancolia”, representando nostalgia, atenua o sentimento provável do doentio cenário de ossos.

Outro leitor da poética de Wagner Rocha, Alexander Nassau, ao ligar a palavra artística do poeta ao violento espaço histórico da repressão política, explica-a da seguinte forma:

a poesia vai “sangrando como um segredo”, diz a bela aliteração, porque o poeta é filho de uma ditadura que cuida, sobretudo, da paulatina eliminação do concreto. Tempo do homem-pêndulo. Vigora o super-regime que corrói as pessoas por dentro, deixando-as expostas à ilusão de que, consumindo cada vez mais ou camuflando-se as dores do presente, o mundo evolui e as sociedades avançam. Porém, a verdade nua e amarga é que o mundo real perde terreno, que todos os dias a fantasmagoria coletiva triunfa cada vez mais em ritmos rápidos. (NASSAU, 2014, p. 98).

Fernanda Bernardo, considerando sua resistência e definindo a escrita como “sobre-vivência” do poeta, atribui-lhe a radicalidade e a alteridade, o que se afina com a poética drummondiana, que ela classifica como a “voz do escritor-poeta-pensador, digno do nome, para apelar para um *justo-viver-juntos* no mundo. Para apelar para um justo, para um, enfim, humano morar dos homens no mundo, para convocá-lo na obstinada recusa de ameaça, nunca redimida, do imundo...” (BERNARDO, 2019, p. 9-10. Grifo da autora.)

No poema “Paisagens”, a densidade do plano semântico é intensificada pelos termos que se organizam para descortinar os atributos do panorama da decomposição:

São estas as palavras que se despem
no vão da manhã. Estes, os escombros
onde, incólume, o dia renascerá.
Estes, os nomes dissipados na triste
música das horas. As coisas
que tangem ferindo a voz insolúvel do
mundo.
São estas as entranhas de onde brotam
as nuvens e os caminhos partidos.
Estas, as muralhas e as pálidas orquídeas.
[A terra fecunda onde paira o sonho
da existência. Um rio que transborda
na sede inefável do poema.]
São estes os cavalos aéreos que se
irrompem,
absortos, no sono das papoulas.
Aqui vagueiam lânguidos insetos,
sombas de serpentes, vozes violentadas.
E esta luz que cega os arabescos.
Este pátio que abriga os espectros da
infância.
São estas as casas abstratas, as árvores
amanhecidas.
Estes, os espelhos trincados dentro do
instante.
(ROCHA, 2019, p. 72)

Nesse procedimento parece residir também, pelo efeito exposto, o potencial de prender o leitor que, com as emoções exaltadas pelo *pathos*, possivelmente reagirá em consonância com o surrealismo que de fato se vive no mundo real. A provável busca de superar o estado aflito que antecede a leitura, talvez seja o fator catártico pelo desvendamento das sensações inexplicáveis. A dinâmica emocional funciona no modo da introjeção da ansiedade por que muitos passam, irmanados na impotência e diluição da expressividade verbal, que se contamina do inefável. Atando as obras do poeta, ecoa o verso de “Assombro”, em que não resta nada além de um “nome que

violenta/ a pele das coisas, a espessura dos entes partidos.” (ROCHA, 2014, p. 31). Mas a poesia equilibrada cuja palavra se despe parece revelar um corpo dotado da elegância poética, num modo diferentemente leve de retratar a situação. Para melhor se entender essa percepção da poética de Wagner Rocha, tome-se, por exemplo, *O poema sujo* de Ferreira Gullar, em que a palavra representativa do regime militar despe, por assim dizer descendo até o chão, para revelar a sujeira da miséria brasileira. Os estilos se distinguiriam quase em oposição, não fossem a sensação deflagrada pela essência da ideologia, as belas metáforas representativas de abstrações poéticas, também em Gullar, (sem pretensão valorativa contra o vocabulário obscuro, que talvez exista inconscientemente) e o sentimento de oposição e agonia em ambos.

São muitos os exemplos do ímpeto da radicalidade expressiva que se pode comparar porque, ao contrário do modo como o poeta analisado escreve, rebaixa o nível vocabular do plano expressivo. Há, por exemplo, Astrojildo Pereira, o “revolucionário cordial”, conforme definição feita por Martin Cezar Feijó (2001). A sua efetiva afabilidade não o faz amenizar a expressão “apodrecida”, mal cheirosa e cáustica, da palavra com que expressa o regime dos anos 1930. É assim que procede como articulista no periódico *O Homem do Povo* (ANDRADE; GALVÃO, 1984), em que, sob o pseudônimo “Aurelínio Corvo”, representa o canibalismo devorador do mundo capitalista, numa rede hiperbólica de sarcasmos, na seção que veicula as notícias referentes aos problemas do mundo capitalista. Enquanto Wagner predominantemente lamenta, Astrojildo festeja, como forma de agredir o sistema. Desde as palavras usadas para expressar esses problemas

aos quais Aurelínio/Astrojildo chama de “carniça gostosa”, até as formações abstratas das combinações vocabulares com que representa o capitalismo, observa-se a busca de identificação com a visão que tem da “descompostura” moral do regime. Perdendo a compostura, se for possível entender seu estilo com essa expressão também metafórica, aqui criada, o articulista do jornal vai ao encontro dos espíritos em estado limítrofe contra o governo Vargas e os problemas das grandes potências mundiais, definidos por Astrojildo pereira.

Seguindo a linha da construção do eu em imagens e sentimentos surreais, é importante ressaltar que não se quer dizer que o ar de opressão, de certo modo aliviado pelo estilo de Rocha, seja atenuado também pela palavra, mas, ao contrário, a poética fecha o que se abriu, repetindo a mesma atmosfera de escuridão e constatação da precariedade. Mas é o sentimento gerado pela expressão que, refletindo um modo de ser, seleciona termos que parecem estabelecer o equilíbrio do efeito estético pela poesia. No poema final intitulado “Alteridade”, o ente posiciona-se ao lado dos outros homens, com quem se irmana na constatação da própria confluência social, política e humana, de um mundo sem luz e sem ar. O outro é o opaco espelho do ser que, por fim, admite o aniquilamento da luta e da esperança:

O outro, a extensão do meu eu,
a sombra de mim nas paredes finitas do
tempo.

O outro, meu irmão perto e distante.

O outro é aquele que morre, a cada dia,
nas mãos violentadas do capitalismo e da
fome.

É aquele que a política sórdida
escondeu atrás de janelas escuras.

O outro é o silêncio ou o grito
quando o ódio nasceu no coração duro dos
poderes
e aniquilou a luta e a esperança.

Considerações finais

Fazendo um percurso digressivo do que se disse neste estudo, é possível verificar uma poética de resistência, que em alguns pontos explicita e deixa patente sua concretude expressiva. Em outros, que constituem a maioria das duas obras de Antônio Wagner, a configuração se apresenta em uma composição mais intuitiva, em nuances e estruturas sugestivas, como a natureza semiótica do pensamento ou, mesmo, como a representação do estado psíquico do ser ficcional em conflito. Essa técnica, longe de tornar árdua a leitura, faz da experiência estética uma dinâmica também intuitiva, de fluxo esteticamente harmônico e ideologicamente ético. Em alguns versos da expressão, reveladora de um caos interior contaminado pela desordem exterior, a interação se define, numa intencional redundância, por *sugerir um início de impressão* das partes, que provavelmente se pretendam de fato como partes de uma construção polifônica e sem contornos definidos em curto olhar. Mas no avançar do olhar as partes criam elos abstratos e as impressões deixadas em segundo plano vão fazendo sentido e congregando para criar a organicidade obscura e equilibrada, não conclusiva, mas profundamente tocante em sua abstração metafórica.

Nessa configuração geral da relação poética dos versos de Wagner Rocha, o centro nevrálgico considera-se na construção poética de uma angustiada contraposição ao período da ditadura militar no país e sua ressonância no íntimo do eu, que traz à questão a

existência. Algumas ligações lógicas perfazem o caminho do caos social, possibilitando um processo de se criar um fio de memória que vai atando pistas da desconstrução genialmente coerente (e coerente exatamente porque representa a diluição essencial) que se exprime.

Assim, este estudo, que iniciou buscando os sentidos contextuais, filosóficos, os recursos estéticos e o clima dos poemas de *Crepúsculo de arame* e de *Os dias partidos*, observa que ambas as obras procedem a uma interiorização do social e uma socialização do interior do eu, numa conjectura subjetiva de si e da história. Nesse procedimento poético e filosófico, observa-se que, sem intenção de criar uma sintaxe sempre direta e iluminada, nem o contrário de propor uma ruptura com toda forma linear da palavra poética, a poesia de *Crepúsculo de arame* e de *Os dias partidos*, ao contrário, variam como a própria vida em suas variadas faces. O que, entretanto, se mantém como um *topos* é a tristeza essencial e a questão da existência tanto no plano da expressão quanto na superfície profunda do texto. Essas confluem para expressar a perplexidade do problema que repercute nos versos. A partir da constatação de instabilidade causada pela triste lembrança, em uma obra, e pelo recrudescimento de um discurso totalitário de apologia ditatorial, em outra, exprime o indizível processo intuitivo do caos, em que predomina a desordem e a oscilação. A essência poética, no plano discursivo, revela o leitor drummondiano e heideggereano e, no plano poético que, inclusive, se une ao ideológico, revela o leitor da dor de si e da sociedade brasileira em tempo de repressão política.

Referências

ABRÃO, Bernadette Siqueira. Heidegger e o sentido do ser. In: _____. *História da Filosofia*. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 452-470.

ARISTÓTELES. Poética. In: _____. *Aristóteles*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ANDRADE, Oswald; GALVÃO, Patrícia. *O Homem do Povo*: Março/Abril 1931. Edição Facsimilar. São Paulo: IMESP, 1984.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

BERNARDO, Fernanda. Estrias dos dias: uma po-ética da sobre-vivência e da resistência. In: ROCHA, Antônio Wagner Veloso. *Os dias partidos*. São Paulo: Fontenele, 2019.

BAUDRILLARD, Jean. *A Arte da Desaparição*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

BOTTING, Fred. *Gottic*: The new critic idiom. versão digital para o Kindle, publicada em 2013.

COSTA, Eduardo Alves da. *No caminho, com Maiakovski*. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

FEIJÓ, Martin Cezar. *O revolucionário Cordial*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.

GULLAR, Ferreira. Poema Sujo. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

HAUSER, Arnold. *História social da Literatura e da Arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

_____. A origem da obra de arte. In: *Caminhos de floresta*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002.

MATIAS, Juliana Cândido; BARROS, Josemir Almeida. As políticas sociais nos planos de governo dos presidentes 2018 no Brasil e a mídia. In: *Revista de Políticas Públicas*. São Luiz: UFMA, 2019. Volume 23, Número 1. Disponível em:

<<<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/11923/6695>>>.

Acesso em: 03 jun. 2020.

NASSAU, Alexander. Escritura dilatada. In: ROCHA, Wagner. *Crepúsculo de arame*. Montes Claros: Orobó, 2014, p. 97-103.

OLIVEIRA, Anelito. Depois da queda. In: ROCHA, Wagner. *Crepúsculo de arame*. Montes Claros: Orobó, 2014, p. 65-9.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. *Antologia de Estética*: Teoria e Crítica Literária. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1988.

ROCHA, Antônio Wagner Veloso. *Os dias partidos*. São Paulo: Fontenele, 2019.

_____. A Caminho de Heidegger. Editorial. In: *Poiesis*: Revista de Filosofia, v. 16, n. 1. 2018.

_____. *Crepúsculo de arame*. Montes Claros: Orobó, 2014.

Recebido em 2020-05-07

Publicado em 2020-06-07